

Um olhar do feminino sobre a natureza: pensando a pandemia de COVID19

A female look at nature: thinking about the COVID19 pandemic

Una mirada femenina a la naturaleza: pensar en la pandemia del COVID19

Alice Alexandre Pagan¹

Resumo

Este artigo resulta de uma palestra proferida durante o isolamento físico na pandemia de COVID-19. Busquei refletir sobre os papéis da ciência e do ensino de ciências nesse contexto pandêmico a partir de um olhar do feminino–transfeminista. O argumento foi organizado em três questões: O que é o feminino que eu mobilizo na condição de professora de biologia e mulher transgênera? Como a ciência, com um olhar desse feminino, vem se construindo? e Como essa ciência transfeminista pode ser aplicada para pensarmos o contexto pandêmico? Dentre as considerações levantadas destaco outra questão: em nossa relação com a família, com o Estado, com a natureza que se coloca neste momento de uma maneira bem catalisadora de nosso amadurecimento humano, precisamos estar conscientes de que teremos um mundo muito diferente daquele que tínhamos quando começarmos a vislumbrar os primeiros dados dessa pandemia. Será que esse novo mundo terá novos humanos?

Palavras-chaves: Ecofeminismo. Afetividade. Educação Ambiental.

Abstract

This article results from a lecture during physical isolation in the COVID-19 pandemic. I sought to reflect on the roles of science and science teaching in this pandemic context from a feminine–transfeminist perspective. I organized the argument into three questions: What is the feminine I mobilize as a biology teacher and transgender woman? How has science, with a view of this feminine, been building itself? And how can this transfeminist science be applied to think about the pandemic context? Among the considerations raised, I highlight another issue: in our relationship with the family, with the State, with nature, which at this moment presents itself in a very catalytic way of our human maturation, we need to be aware that we will have a very different world from the one we had when we start to glimpse the first data of this pandemic. Will this new world have new humans?

Keywords: Ecofeminism. Affectivity. Environmental Education.

Resumen

Este artículo es el resultado de una conferencia durante el aislamiento físico en la pandemia de COVID-19. Busqué reflexionar sobre los roles de la ciencia y la enseñanza de la ciencia en este contexto de pandemia desde una perspectiva femenino–transfeminista. Organicé el argumento en tres preguntas: ¿Qué es lo femenino que movilizo como profesora de biología y mujer transgénero? ¿Cómo se ha ido construyendo la ciencia, con miras a este femenino? ¿Y cómo se puede aplicar esta

¹ Professora associada do Departamento de Biologia e Zoologia do Instituto de Biociências (IB) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

ciencia transfeminista para pensar el contexto de la pandemia? Entre las consideraciones planteadas, destaco otra cuestión: en nuestra relación con la familia, con el Estado, con la naturaleza, que en este momento se presenta de manera muy catalizadora de nuestra maduración humana, necesitamos ser conscientes de que tendremos un mundo muy diferente al que teníamos cuando empezamos a vislumbrar los primeros datos de esta pandemia. ¿Este nuevo mundo tendrá nuevos humanos?

Palabras Clave: Ecofeminismo. Afectividad. Educación ambiental.

Introdução

Trago aqui algumas palavras sobre a nossa situação no contexto da pandemia de COVID-19, a partir de um olhar feminino, talvez feminista, pensando os papéis da ciência.

Primeiramente, pretendi abordar o que seria esse feminino no contexto da ciência. Essa abordagem foi construída em um exercício empírico-reflexivo a partir da minha autoconstrução como pessoa transgênero. É uma experiência particular, mas de intensa reflexão. Um processo de renascer envolvido na descoberta desse feminino feminista, em mim. Também, um feminino que me tem ajudado a olhar para minha produção acadêmica na área do Ensino de Biologia, e assim, a rever muito do que eu tenho construído como pensadora. Em um segundo momento, busquei refletir a partir desse referencial, o nosso contexto contemporâneo, da pandemia de COVID-19.

Sendo assim, este texto foi organizado em três questões, que orientaram os tópicos que seguem: 1. O que é o feminino que eu mobilizo na condição de professora de biologia e mulher transgênera? 2. Como a ciência, com um olhar desse feminino, vem se construindo? e 3. Como isso pode ser aplicado para pensarmos o contexto pandêmico?

O feminino para uma professora de biologia Transgénera

Quando eu falo sobre esse conhecimento empírico reflexivo acerca do que é ser mulher, começo com minha própria história, tendo sido designada homem ao nascer, por conta de um argumento biológico, que para algumas pessoas ainda é irrefutável, sustentado no fato de eu ter nascido com um pênis. Contudo, eu sempre me percebi inadaptada nesse papel. Não apenas eu, mas também outras pessoas me diziam, ao observarem minhas performances sociais:

“–Ande como homem!”

“Fale como homem”

“Não fale com a boca mole, ande firme, corpo duro”

“–Seja homem!”

Essas falas apontam uma tentativa de me enquadrar, forçosamente, nesse papel do homem e, ao mesmo tempo, me mostraram a minha verdadeira condição: eu não me comportava como um. Estava latente nesses discursos que o fato de ter um pênis não bastava para essa construção do masculino.

Tanto não é um pênis que vai me construir homem, como em muitos casos, alguns

indivíduos chegam a matar, na perseguição dessa identidade, sob a motivação da tão falada honra, que parece característica importante para a construção do masculino patriarcal, aparentemente tão desnecessário em nossa cultura. Para a construção desse homem, quantos sujeitos já se mataram por conta dessa famigerada honra ou mataram suas esposas ou filhas? Partem daquele medo: “-O que os outros podem pensar de mim?”.

Para ser homem na sociedade patriarcal, não basta ter nascido com o pênis, é preciso conquistar uma honra garantida pelo respeito de terceiros. Tenho que ser um provedor, ser resoluto, ter sucesso profissional, um sucesso que seja superior àqueles que estão perto de mim. Há toda uma disputa nesse processo, embora também haja muita parceria entre esses homens. No Brasil, o futebol conta para que haja parceria entre os homens, nesse processo de construção.

Outro problema grave, na construção do ser homem é essa impossibilidade de manifestar sentimentos, de olhar para dentro, de sofrer, de chorar, o que leva muitos deles a manifestarem o seu universo interior através da agressividade, das compulsões sexuais, das drogas, bebidas etc.

Por outro lado, quando eu me percebo inadaptada a assumir esse papel do masculino, embora eu tenha tentado durante pelo menos 35 anos da minha vida e me apresento socialmente como mulher, começa a toda uma negação: “-Não, mas você também não é uma mulher”, “-Você não tem vagina, né?”.

Se vagina fosse o mais importante para eu ser considerada mulher, então pronto, eu faria a cirurgia de transição secundária e estaria tudo resolvido, não teria mais problema nenhum. Mas, sabemos o que acontece quando as meninas transgeneras fazem suas cirurgias secundárias, continuam passando por exclusões. Então, vão dizer: “-Para você ser uma mulher precisa ter, seios”. Aí eu respondo: “-Gente, então a mulher italiana, que tem seios mais volumosos que a chinesa, é mais mulher?”.

Esses dias eu caminhava na praia, antes da minha cirurgia de implante de silicone, e um rapaz disse: “-Nunca vi mulher sem peito”. Eu virei para ele e engrossei a voz: “-Vai cuidar da sua vida, rapaz”. Não sei em que planeta esse homem vive, mas conheço muitas mulheres cisgênero, que nasceram com vagina e que não tem seios. Escondem isso dentro do sutiã e do biquini de bojo, posto essa absurda ideia de que existe um tipo padrão de corpo de mulher. Depois que comprei meus seios, não me sinto mais mulher do que eu era, sinto que esteticamente ficou mais bacana, mas tenho clareza que não é isso que me torna mulher.

É um absurdo essa caixinha da Barbie, na qual para muitos e muitas, a mulher deve se enquadrar. Uma caixinha do corpo feminino, do ser mulher. Essa caixinha não existe. Não estou tentando fazer meu pé caber no sapatinho de cristal, minha proposta é quebrarmos esse sapatinho e jogarmos fora. As irmãs da cinderela que tentavam colocar o pé no sapatinho de cristal e cortavam uma parte do calcanhar e a ponta do dedo. A gente sabe que no fim das contas ninguém cabe ali, no sapatinho, e nem precisa caber. Cada uma tem o seu sapatinho, seja ele de cristal, de tecido, de couro, de grife ou de artesanato. Cada um tem que ser feliz de acordo com o que esse pé representa. Mas, os argumentos não acabam

aí.

Depois entra a genética. É comum nos discursos de professores de biologia a ideia de que cromossomos tipo xx constituirão uma mulher e xy a um homem. É um salto de análise dizer isso. Eu posso dizer que xx vai formar um organismo que tem útero, na maioria dos casos, e xy vai formar um organismo com pênis. No entanto, dizer que é homem ou é mulher não posso. Um bom professor de biologia sabe o que significa um salto de análise, quando desconsideramos variáveis importantes na produção de respostas. Quando ignoramos o fenótipo, das influências culturais e psicológicas na construção do gênero, fazemos uma interpretação inadequada, apressada e irreal.

Além disso, precisamos superar, também, alguns discursos do tipo: aparelho reprodutor masculino e feminino. Só de tratar desses órgãos apenas como parte de um aparelho reprodutor em si mostra um problema. Eles servem muito mais do que apenas para reprodução. Até o fato de chamar de aparelho é um problema.

Portanto, ao mesmo tempo que eu me apresento como mulher e tenho a oportunidade, devido a conquistas do movimento LGBTQIA+, no Brasil, de retificar meus documentos, de ter na minha carteira de identidade, que eu sou mulher, eu também não me sinto totalmente encaixada nessa ideia de mulher. E me pergunto: será que alguma mulher se encaixa nesses padrões? Será que essa caixinha existe?

Quando me apresento como mulher transgênera não significa que eu tenha nascido no corpo errado, como muitos dizem por aí: que eu teria nascido em um corpo masculino, mas me sentia mulher. Não é assim. Eu nasci em um corpo que apresentava um pênis e por isso me designaram homem, contudo, nesse corpo eu manifestava uma feminilidade que não era aceita pela sociedade e com o tempo eu consegui reivindicar meu espaço. Fui angariando respeito das pessoas que estão meu redor, para manifestar minha feminilidade, para manifestar a vida que há nesse corpo.

Eu transcendendo a caixinha que me impuseram, isso muita gente tem feito. Muitas mulheres sejam cis ou transgêneras têm transcendido esses limites que nos foram impostos. Mesmo mulheres cisgêneras, às vezes são proibidas pelos pais ou pelos esposos machistas de manifestarem sua feminilidade. Por vezes, não podem escolher nem a própria roupa. Quantos homens, também, são impedidos de manifestar sua sensibilidade?

Quem supera essas imposições da marcação de gênero sai das caixinhas da dicotomia. Se todos e todas nós não fossemos um pouco trans, as mulheres ainda estariam usando aqueles vestidos com espartilho. Nenhuma usaria calças, até hoje. Quando você vê a maioria das mulheres do mundo usando calças, parece que se esquece que houve uma transgressão de gênero. Embora transgêneridade esteja atrelada à uma identidade, das pessoas que superam, atravessam ou ignoram as fronteiras de gênero, há uma atitude histórica trans, de redefinição dessas barreiras. Isso nos ajuda a entender que ser trans tem a ver com liberdade. E, liberdade, é algo que ameaça o sistema patriarcal colonizador. Tem a ver com uma atitude de busca que passa por um caminho de individualidade e de subjetividade para além dos padrões, dos costumes, que nos são impostos.

Posso pensar que existe um gradiente de masculinidades e feminilidades

independentemente do corpo que o comporta. Ainda, há gêneros que não se enquadram nesse gradiente. Parece haver um esforço social para que as pessoas se esqueçam, ainda, que mesmo biologicamente, há indivíduos intersexuais. Qual o sentido de ter em minha identidade o meu sexo? O meu órgão genital? A quem isso favorece? Que tipo de exclusões isso gera?

Eu mudei meus dados de nome e gênero no registro civil. Agora, na minha carteira de identidade aparece que meu sexo é feminino. Então, minha identidade diz que eu tenho vagina. Fala em sexo. Ela não fala de gênero.

Repito, que sentido tem um documento que mostra se eu tenho um pênis ou uma vagina? O sentido de construir uma dicotomia é a tentativa de uma das partes controlar a outra. Então, a sociedade tem que marcar muito fortemente o gênero até porque, biologicamente, ele não se sustenta. Tem que ter outros marcadores sociais, culturais para que eu mantenha essa tão ilusória caixinha do que é ser homem, do que é ser mulher, do que é o feminino, do que é o masculino, apesar de que todos nós temos porções de comportamentos que podem ser atribuídos às masculinidades e às feminilidades.

Prefiro considerar que eu não tenho uma caixinha de Barbie, que eu não tenho um sapatinho de cristal, que não existe um padrão sobre ser masculino ou feminino, mas que talvez haja um gradiente de feminilidades e masculinidades. Por outro lado, tem algumas questões teóricas que mostram, de certa forma, algumas características relacionadas a expectativas sobre o masculino e o feminino nessa construção patriarcal.

O masculino está ligado ao espaço público. O homem é aquele do espaço público, ele é tido como o trabalhador, é aquele que deve ser forçado à produção. Isso é muito forte com a revolução industrial, quando se cria essa ideia de família nuclear. Uma família na qual o homem tem que sair ao espaço público para ganhar o sustento e a mulher fica no espaço privado, cuidando ali dos filhos e formando essas crianças para que se tornem adultos produtivos, também, para os interesses da indústria.

Isso ainda acaba se associando à uma hierarquia entre razão e afeto. A ciência vem como uma das construtoras dessa razão. O desenvolvimento social através da razão e da racionalidade, a partir da ideia de neutralidade que anularia os afetos.

O que o feminino tem a dizer sobre a ciência?

Se eu pensar em afeto e razão na perspectiva dos marcadores de gênero socialmente construídos, poderia associar o primeiro àquela que cuida, à mulher e a segunda, a razão, ao homem trabalhador, que vai em busca do sustento, da produtividade. Assim, temos uma hierarquia estereotipada do masculino e do feminino, a partir dessa mesma lógica. Uma lógica que explora o trabalho afetivo e reprodutivo da mulher, sem resguardar-lhe as devidas remunerações (FEDERICCI, 2017).

Quando eu penso no homem tido como trabalhador eu imprimo a ele uma característica que é cultural, da sociedade pós-revolução industrial e quando eu penso a mulher mãe, maternal, eu imprimo uma característica que é biológica. São as representações

que fazemos de homens e mulheres que os hierarquizam em um gradiente de humanização e animalidade. A mulher associada ao parir, como a mais próxima de um polo animal e o homem, de um lado social e cultural (MOSCOVICI, 1976).

Se estabelece uma interface do que entendemos por humanização e animalidade que qualifica os grupos sociais. Lutamos para controlar nossas animalidades, buscando nos situar no que pensamos ser o oposto delas, nossa cultura. Assim, como diversos pensadores já manifestaram inapropriadamente no passado, a vitória da humanidade sobre a natureza, também significaria a vitória e a supremacia do homem sobre a mulher (INGOLD, 1995).

Vemos, portanto, uma aproximação entre as opressões construídas contra a mulher e aquelas sobre a natureza. O sexismo e o especismo estariam construídos em bases muito parecidas (KEEL, 2019, PULEO, 2019).

Eu transformo essa mulher em algo que deve ser controlado, um objeto que serve às minhas necessidades, da mesma forma que eu faço isso com os demais seres vivos. Eu desumanizo e objetifico (KEEL, 2019, PULEO, 2019).

Tem uma série que eu amo, no Netflix, se chama As Telefonistas. A primeira cena mostra uma mulher sendo assassinada e afirmam assim: uma mulher nos anos 20 não era mais do que um adorno ao homem. Veja que os anos 1920 não estão longe dos 2020. Temos uma construção sobre o que é ser mulher, que se tem desenvolvido há não muito tempo. Aquela mulher que era o adorno ao homem e que tinha apenas três papéis possíveis na sua história, ser filha, ser esposa, ser mãe, hoje assume outros, como alguém que é profissional e que ocupa representações políticas, apesar das barreiras que ainda existem. Ela, também transcende a essas caixinhas. As mulheres de hoje são tão trans, quanto eu, quanto qualquer outra mulher que está tentando sair dessa caixinha que nos é imposta pela dominação patriarcal. E, quando falamos nisso, não nos referimos a uma luta dos homens contra as mulheres. Lutamos contra uma ideia de masculino que se constrói através de uma colonização.

Eu colonizo esse outro porque eu quero controlá-lo, para que ele se torne algo que se aperfeiçoe a ponto de se tornar quem eu sou. “-Eu sou tão bom que eu vejo que aquele selvagem, coitadinho, aquela selvagem, coitadinha. Ela não tem um controle sobre a própria vida, então preciso controlar e transformar em algo que seja parecido comigo, porque eu sou o exemplo de superioridade”. Esse exemplo de superioridade era construído com base na ideia do homem branco europeu e o restante estaria em um gradiente de hominização e animalidade. Isso é uma ideia de Moscovici (1976), quando reflete e critica o gradualismo.

Partiam de uma ideia de domesticação e animalidade dentro da espécie humana e, também, da relação da espécie humana com as demais espécies. Ainda, alguns indivíduos nesse processo não entrariam sequer nesse gradiente. Essa invisibilidade nos era instituída à medida que nos colocavam no lugar do patológico. De certa forma, a mensagem que ficava é que não existiam pessoas transgeneras, mas pessoas cisgêneras adoecidas. Mais recentemente, mulheres trans eram admitidas apenas no lugar das prostitutas, que deviam estar nas margens sociais, colocadas no campo da animalidade e definidas a partir das manifestações animalizadas de suas práticas sexuais e órgãos genitais. Por outro lado, nada

ou quase nada se fala dos homens trans, ou mesmo negavam-lhes a alteridade ao classificá-los como mulheres masculinizadas.

Quando algum homem me conhece, com intensões afetivo-sexuais, não mostra interesse por mim, Alice, geralmente dizem, diretamente: “-nunca transei com mulher trans”. Me colocam no lugar do fetiche, da boneca inflável. Sem falar das perguntas baseadas em estereótipos. Se eu faço programa, por exemplo. Esse tipo de abordagem desumaniza, objetifica, me transforma em um pedaço de carne a ser consumido.

O controle da mulher tem a ver, também, com esse discurso de criminalização do aborto, a partir da justificativa de defesa a vida da criança. Esses mesmos homens que defendem a criminalização da mulher que aborta, são aqueles que dizem agora, no contexto da pandemia, que o “país não pode parar”, mesmo que algumas pessoas precisem arriscar suas vidas. Ainda, são aqueles que defendem a redução da maioria bem como a pena de morte.

Fica nítido que não se trata de um discurso em defesa da vida. O que querem é trazer o controle da decisão sobre quem vai nascer ou não para as mãos dos homens. Se olharmos, por exemplo, quem é maioria no legislativo, percebemos que são homens que decidem isso.

A descriminalização certamente pode salvar muito mais vidas, posto que o aborto clandestino mata mulheres e crianças muito mais do que se a gente tivesse isso legalizado no país.

Esse homem colonizador aparece não só no processo de construção da sociedade, no mundo globalizado, capitalista, ele também tem uma influência muito forte na construção das ciências.

Tem um livro famoso no Brasil do Ático Chassot, no qual ele explica de uma maneira bem interessante e didática o quanto a ciência é masculina. Ele mostra detalhes de como forçosamente se construiu essa falsa ideia de supremacia do homem na ciência e a desconstrói. Fica nítido nos argumentos do autor que as habilidades que se exige nessa ciência neutra estão muito mais próximas das habilidades que são usadas para construir a performance social do homem (CHASSOT, 2013).

Enquanto as brincadeiras dos meninos se direcionam a construir coisas, pensar a engenharia das coisas. A menina é estimulada a brincar de boneca, construindo um lar. Portanto, quem terá maior proximidade com esse universo da ciência? Quando vemos essa construção do gênero e as habilidades que exigimos dessa ciência objetiva e produtivista, uma ciência, de certa forma, também colonizadora? Nas Ciências da Natureza, por exemplo, muito do que se busca é conhecer os demais seres vivos para controlá-los.

A professora Suzani Cassiani, no último ENEBIO de Belém, mostrava cada um dos filósofos clássicos e como as falas deles sobre a natureza traziam possíveis soluções sobre como controlá-la.

Eu tenho chamado essa postura da ciência, de bélica, na relação com os demais seres vivos (PAGAN, 2020). Quando eu penso, por exemplo, as questões de saúde, a partir desse olhar, focamos em matéria de recursos na construção de medicamentos e de vacinas. Assim, fortalecemos a indústria farmacêutica, que é um dos mercados mais agressivos do mundo.

As ações desses medicamentos visam a destruição dos organismos, que nos parecem ameaçadores. Eu busco tomar um remédio que destrua um verme, enquanto poderíamos ter uma postura mais diplomática, que algumas das ciências trazem, por exemplo, quando buscam entender a lógica dos comportamentos desses organismos, de maneira que possamos nos proteger deles sem necessariamente os destruir. Então, quando eu aprendo que lavando as mãos e os alimentos, não terei vermes, eu tenho uma atitude muito mais diplomática do que se eu tomar um remédio de verme.

O ecofeminismo vem defender a ideia de que os mesmos instrumentos de construção da opressão contra a mulher são usados na pressão sobre os animais, portanto, quando defendemos os animais, também afetamos positivamente o status da mulher na sociedade.

Para o ensino das ciências biológicas, isso é importantíssimo. Se conseguirmos trazer uma discussão que auxilie alunes a construírem maior sensibilidade para reconhecer a alteridade dos demais seres vivos, provavelmente, eles construirão mais sensibilidade e empatia frente a outras culturas, gêneros e formas de existir.

O ecofeminismo pode ser uma influência interessante para pensarmos sobre habilidades femininas nas ciências da natureza. Essa ideia de vitória da razão, muito explícita na base da ciência, tem a ver com a forma com que nos relacionamos com a natureza. Falamos na área de ensino, por exemplo, em alfabetização científica: a preocupação de que um aluno ou uma aluna construa novas formas de ler, escrever, falar e pensar acerca da natureza, a partir desse olhar científico. Quando essas estudantes se tornam capazes de usar uma notação matemática ou um experimento, ou fazer a leitura de dados em um gráfico, coisas nesse sentido, ela mostra habilidades no campo da alfabetização científica. Nesse propósito, por vezes, construímos no espaço didático uma nova forma de olhar o mundo, mais racional e, em vários momentos, dentro dessa perspectiva do controle.

Deixamos de lado o que eu tenho identificado como elementos não racionais da aprendizagem. Aqueles que não estão explícitos nesse processo de construção do pensamento científico. Quando assumimos a ideia de neutralidade e não admitimos o afeto no processo de conhecer, ou a intuição, ou as influências culturais, no fazer do cientista, talvez não estejamos atentos à inteireza humana nesse processo de conhecer.

Nesse sentido, eu entendo que alfabetização científica deva ir para além do entendimento acerca da natureza, mas alcançar uma maior conexão com ela. Essa conexão vai trazer um senso mais diplomático porque vai envolver, também, um afeto.

Os estudos sobre afetividade no ensino ciências geralmente têm sido feitos sobre a relação entre o(a) professor(a) e o(a) alune na sala de aula, mas fala-se pouco sobre a questão do afeto com os demais seres, que dividem o planeta conosco. A conexão poderia estar na consciência ecofeminista de reflexões sobre o porquê dessa relação de controle com os demais seres. Eu não preciso, necessariamente, controlar, eu posso dialogar com eles.

Eu me lembro que esse senso diplomático aparece na minha história quando um grupo de mulheres da minha comunidade lavava roupa em um riacho, lá no Mato Grosso, na região

do pantanal, e havia uma senhora que era descendente indígena. Nessa tarefa avistamos uma serpente no coqueiro que existia nas margens desse córrego. Todas ficaram desesperadas e começaram a gritar. Queriam correr. A maioria dessas mulheres que estavam ali, assim como a minha mãe, eram imigrantes do Sul que vieram ocupar as terras do Mato Grosso. Um povo colonizador que se nutria desse senso de produzir e ganhar dinheiro. E a senhora indígena deu uma lição. Falou: “–Essa cobra é minha amiga, quando ela tá aqui nenhuma outra vem, podem ficar tranquilas”. Algumas ficaram tranquilas, outras preferiram ir embora. Anos depois, eu aprendi, na graduação em biologia, que no Pantanal, as serpentes arborícolas não são peçonhentas. Então, realmente, uma serpente em numa árvore não faria mal a ninguém. Algumas delas, inclusive, se alimentam de outras serpentes – ofiofagia. Ou seja, havendo uma serpente arborícola ofiófaga, nenhuma outra se aproximaria dali.

Aquela senhora conhecia, de uma maneira muito próxima, intrínseca, aquela região e aquele grupo de seres, seus vizinhos e vizinhas, amigos e amigas. Havia uma interação diplomática entre ela e os demais seres.

Esse exemplo nos mostra que a etnociência pode nos ajudar a construir esse olhar, também, mais democrático, afetivo e feminino/feminista sobre a natureza. Eu posso ser mais diplomática quando eu fecho a porta da minha casa às 17:30 para evitar que os pernilongos entrem ao final da tarde, ou posso deixar as portas abertas e às dezoito horas passar veneno, matar todos eles e resolver o problema parcialmente, de maneira bélica, que pode causar transtornos piores no futuro, como a seleção artificial de insetos mais resistentes.

Estamos caminhando nessa relação entre o bélico e o diplomático, tentando compreender nossas interações com os demais organismos e, de certa forma, também uma interação conosco mesmo, nesse processo (PAGAN, 2020). Quando pensamos nos elementos não-rationais, que estão implícitos na construção dessa ciência, além da etnociência, podemos também recorrer ao conhecimento das mulheres que foram assassinadas na inquisição, sob acusações de bruxaria. Elas eram cientistas que foram perseguidas por conta dos saberes que guardavam no diálogo com a natureza. Um diálogo que também passava pelo autoconhecimento, posto o vínculo muito forte entre o todo orgânico (FEDERICI, 2017).

Sapiens, do Yuval Harari, um livro que nos traz novas perspectivas sobre a natureza, por sinal. Vemos dentre outras coisas, como a religião tomou posse desse diálogo com a natureza. Dialogávamos diretamente com a natureza, a partir dessa conexão, e posteriormente tivemos que aceitar as igrejas como intermediárias dessa relação. Um sacerdote, que trata com Deus, que trata com a natureza, sobre nossas necessidades. Eu acrescentaria a esse comentário, que hoje em dia, nossos intermediários também são a indústria alimentícia e a indústria farmacêutica.

Geralmente esses intermediários cobram caro para nos proporcionar uma relação, geralmente até pobre, com a natureza. Não necessariamente Deus, mas aquele que o representa aqui na terra, e aí temos várias igrejas que se tornam grandes empresas e

empresas que se tornam quase que crenças vivas.

Por outro lado, me inspiram as abordagens do candomblé e da umbanda, quando tratam dos orixás. Por exemplo, Yansã é uma orixá que representa a tempestade. Se eu sou filha de Yansã e a recebo em um ritual, eu permito que as tempestades me atravessem e se manifestem através de mim. Há uma possibilidade de conexão direta com a natureza. É uma biologia diferente, não racional, a natureza atravessa meu ser por completo, não apenas meu entendimento. Passa pelo afetivo, pelo intuitivo, por uma conexão profunda. Penso que precisamos investigar essas relações de construção do conhecimento com a natureza, que vão para além do racional e trazem esse elemento da bruxaria.

Neste ponto, é importante resgatarmos algumas ideias. Vemos o masculino com algumas características geralmente marcadas socialmente pela objetividade, pela produtividade, pela neutralidade, pelo foco. E o feminino marcado pelo afeto, pela intuição, pelo autoconhecimento, pela integração holística com os elementos que compõem essa natureza. Isso, dentro de uma sociedade que Moscovici chama de mundo ou: Humano ou natureza. Nela sofremos um afastamento da natureza, estimuladas por alguns dos componentes que dominam a sociedade, especialmente o industrial, o político e o religioso. Esse mercado de capital nos afasta da natureza para posteriormente nos vender pequenas porções dela, embaladas em caixinhas e bandejinhas (PAGAN, 2018).

Vejamos, por exemplo, algumas práticas da indústria alimentícia ou da indústria farmacêutica, que são grandes forças, bem como mercados agressivos, em nosso planeta. Eles aproveitam nosso afastamento da natureza, o que nos adocece, para nos oferecer pequenas pílulas, que aparentemente nos curam. Se você pensar naquela ideia de que o leite vem da caixinha, A carne vem da bandejinha, você esquece que esses elementos um dia constituíram-se como um ser vivo. Transformo vidas em objetos para meu consumo. Você olha para o gramado e o representa como um tapete. Cria a ideia de que é um objeto que serve para ornamentação, esquece que aquilo é um ser vivo.

Para se constituir em uma falsa conexão com a natureza pessoas humanas têm sido estimuladas a consumir os cadáveres dessa natureza. Comprar uma falsa ideia de bem estar, de conexão, de relação com a natureza, pelo intermédio dessas indústrias.

Assim como a igreja intermedia sua relação com a natureza, as indústrias alimentícias e farmacêuticas, também têm feito essa intermediação. Se pararmos para pensar sobre a indústria da informática, então, teríamos facilmente uma tese sobre como ela tem-se sobreposto ao mundo natural, orgânico.

Por outro lado, a natureza também é um reflexo do que sabemos sobre nós mesmos. À medida que perdemos esse contato com a natureza, nos perdemos de nós mesmos. Discuti sobre isso em minha tese de doutorado. Minha pergunta de partida era: o que eu aprendo sobre a natureza traz implícito questões existenciais como, quem somos, de onde viemos e para onde vamos? Se analisarmos conflito maior das pessoas sobre as perspectivas evolutivas, compreendemos que elas oferecem novas respostas para essas questões existenciais, ressignificando àquelas que as pessoas aprendem, através das religiões (PAGAN, 2009).

Então, quem sou de onde vim, para onde vou, na biologia, tem explicações diferentes daquela que mamãe e papai me ensinaram quando eu era garotinha. E, isso, contém um componente afetivo que interfere no aprendizado sobre evolução biológica. Eu trabalhei com graduandos de licenciatura em biologia Universidade do Estado do Mato Grosso campus de Tangará da Serra. Meus dados mostravam que alunos e alunas que moravam com os pais tinham mais dificuldade em aceitar evolução biológica do que aqueles que moravam sozinhos ou em repúblicas (PAGAN, 2009). Isso é um indicador de que esse componente afetivo é importante. É provável que para aceitar uma explicação biológica sobre a minha existência eu tenha que repensar minhas relações com a família.

Se por um lado, o que eu aprendo sobre a natureza me fala sobre quem sou, como ser humano, por outro, também tenho trazido uma negação da alteridade dos demais seres vivos, quando ignoro que eles compartilham comigo esse planeta de igual para igual. Se eu não os reconheço como sujeitos de diálogo e de interação, transformando-os em mero objeto, que estariam a meu serviço eu lhes nego compaixão e a crueldade passa a valer como regra.

Ingold (1995) traz uma explicação sobre esse processo de negação baseado na ideia de que humanos são o oposto ao que consideramos animal. Segundo ele, para estabelecermos essa concepção, negamos aos demais seres vivos a intencionalidade. Atribuir intencionalidade ao outro, é um trabalho de projeção. Quando você me diz algo, eu vou tentar entender qual a sua intenção por traz do que foi dito. Eu não consigo saber qual é a sua real intenção, contudo, eu projeto em você minhas representações sobre suas possíveis intenções. Eu faço uma consideração a partir dos meus referenciais. Fazemos isso no dia a dia, com os demais seres vivos, quando por exemplo, manifestamos que nosso cachorro está feliz ou triste. No entanto, quando pensamos de maneira científica sobre eles, negamos-lhes que seus comportamentos apresentam alguma intencionalidade. Dizemos que eles fazem o que fazem simplesmente de maneira automática, porque foram evolutivamente programados.

Para Ingold (1995) uma mudança epistemológica nesse modo de olhar, garantindo a intencionalidade do outro, animal, amplia a noção de condição humana, fazendo os demais seres vivos sujeitos de interações sociais.

Essa concepção nos permite criar um diálogo diplomático com os outros seres vivos. Isso também é um componente que entendo como feminino/feminista, porque ele também traz a questão da empatia, bastante associado aos marcadores de gênero feminino.

Intencionalidades, empatia e novos olhares de uma ciência feminina-feminista sobre a pandemia

Diante do exposto, podemos pensar sobre o COVID-19. Podemos nos perguntar: qual será a intencionalidade desse vírus? Primeiramente vou falar sobre uma possível intencionalidade um pouco confusa e preconceituosa que um rapaz aplicou a ele e veio me contar.

Estávamos conversando em um aplicativo de relações afetivas. Quando eu disse a ele que eu era mulher trans, ele falou assim: “–Professora... eu não acredito, professora é mulher trans, é por isso que tá aparecendo vírus, é por isso que a humanidade vai ser exterminada, porque tudo isso é castigo por conta de gente como você”.

Eu fiquei pensando: “–Caramba o que a minha intimidade, a minha cama, tem a ver com o fato de o vírus aparecer?”. Mas, muita gente atribui essa intencionalidade ao vírus e ao invés de se responsabilizar pelo que acontece, realmente, acha mais fácil colocar essa responsabilidade sobre nós, as minorias LGBTQI+. Esse tipo de intencionalidade ligada ao castigo foi muito comum em outra pandemia significativa, a do HIV. Atribuía-se às minorias a responsabilidade pelo aparecimento desse vírus.

Outras pessoas veem que a intencionalidade do vírus é produzir a cura. “Olha, nós estamos doentes e precisamos que ele nos traga a cura para as nossas mazelas do campo ambiental”. Eu acho até interessante essa produção de intencionalidade porquê de certa forma eu poderia devolver para esse rapaz, que me colocou como culpada do aparecimento do vírus que: “–Olha realmente eu tenho responsabilidade, assim como você tem, assim como todos nós temos, porque o que faz com que um vírus apareça são os desequilíbrios ambientais, que nós temos provocado neste planeta”.

No ponto de vista mais técnico podemos entender que essa superpopulação do vírus é uma busca desse organismo por homeostase, ou seja, ele parasita outros organismos, causando danos, até que evolutivamente possam estabelecer uma relação harmônica e não danosa.

Podemos pensar sobre essas três intencionalidades que circulam por aí. Essa intencionalidade associada ao castigo, só serve para que as pessoas continuem na ignorância, transferindo responsabilidades pelos problemas coletivos a grupos minoritários. A segunda, da cura, também se mostra interessante porque de certa forma gera a reflexão de que o vírus nos coloca dentro de casa e a casa pode simbolizar, de uma maneira metafórica, o útero. Um momento para nos gestarmos. No espaço do privado estamos reconstruindo o espaço público. Inovadoras relações do público e do privado, dos espaços que eram tidos como dos homens e das mulheres, respectivamente, estão em crise.

A partir desse momento de crise, surge uma oportunidade para repensarmos as relações de gênero. Esse útero não é só a casa, ele também é a minha comunidade que está isolada, ele é, também o meu país, que tá isolado, eu posso pensar em vários níveis aí de realidade. Como queremos que seja essa gestação?

Um problema é que temos focado em uma relação bélica com esse vírus, então a pergunta básica que a ciência tem feito, pelo menos a ciência que tem sido ouvida pela mídia e pelo governo, se é que o governo está ouvindo alguma ciência, é: como destruir esse vírus? Ou, como eu ensino meu organismo a destruir esse vírus?

Nos esquecemos, contudo, de que devemos fazer, também, algumas perguntas diplomáticas, por exemplo, como nos protegemos de nós mesmos enquanto nos protegemos os vírus? Muitos dos processos de vulnerabilidade em diversas dessas epidemias, têm a ver com a autossabotagem.

Recentemente, em meu laboratório, o aluno de mestrado Manoel Messias dos Santos, aplicou um questionário para alunos da educação básica, sobre vulnerabilidades às infecções sexualmente transmissíveis (IST's) e sobre qualidade de vida. Ele buscava saber se havia alguma relação entre a qualidade de vida dos alunos e a vulnerabilidade deles às doenças sexualmente transmissíveis, até porque todos os estudos têm mostrado que os conhecimentos sobre as doenças não são suficientes para que as pessoas se protejam. Então, posso saber muito de doenças sexualmente transmissíveis, mas nem por isso eu me protejo com preservativo e coisas assim. Quando analisamos a qualidade de vida, chegamos a um resultado bem interessante (ALVES e PAGAN, 2020; ALVES E PAGAN, 2019).

Ele aplicou um questionário que analisa comportamentos em saúde a partir de cinco quesitos: a minha qualidade de vida ambiental; minha relação com meu corpo físico, se eu me alimento bem, se eu faço exercício; a qualidade de vida na minha relação social, com as demais pessoas estão ao redor, etc. E, uma das dimensões que o questionário aborda é a qualidade de vida com relação a minha estabilidade emocional (minha relação comigo mesma). Essa dimensão foi a única que se correlacionou com a vulnerabilidade (ALVES e PAGAN, 2020; ALVES E PAGAN, 2019).

Esse dado mostra que não adianta falarmos sobre os tipos de IST's na escola. Isso não necessariamente vai diminuir a vulnerabilidade a uma IST, mas se eu falar sobre autoconhecimento e ajudar o meu aluno e a minha aluna a olhar para si próprio/a, se amar, melhorar sua autoestima, muito provavelmente isso causará menor vulnerabilidade às IST.

Eu vejo que podemos ter uma aplicação desse tipo de resultado também ao pensarmos sobre o COVID. Se prestarmos atenção mais detalhadamente, tem muito desse discurso de que: "eu preciso sair para trabalhar, por isso eu vou me vulnerabilizar", o que é compreensivo. Mas, também, tem muita gente que se vulnerabiliza saindo de casa nesse momento por auto sabotagem, por não estar emocionalmente equilibrado, por não suportar estar consigo próprio, dentro de casa ou mesmo com a família.

Trabalhar a dimensão psicológica, nesse momento, é uma coisa muito importante. Essa pergunta de "como nos protegemos de nós mesmos enquanto os protegemos do vírus?" é muito importante. Outra pergunta pode ser: "como nos protegemos dos nossos grupos enquanto nos protegemos desse vírus?" Diversos dados têm mostrado aumento da violência doméstica nesse período de afastamento social.

Ainda, temos ouvido pouco sobre o que os economistas têm a dizer acerca das questões do mercado em tempos de pandemia. Vemos pressão dos empresários, de que temos que voltar a trabalhar presencialmente, contudo o que os/as cientistas da área de economia falam sobre quais as possíveis saídas que temos nesse momento?

Precisamos falar mais sobre representações acerca do envelhecimento. Parece haver um desvalor ao idoso na sociedade, quando governantes dizem que apenas eles devem ficar isolados. A questão do suicídio, pouco abordam nas pesquisas e orientações. Há relatos de pessoas que têm se suicidado por não conseguirem lidar com a ansiedade desse momento de pandemia.

Se pensarmos sobre o campo da educação, diversos temas emergem quando

analisamos abordagens nesse momento difícil. Precisamos testar possibilidades, discutir de uma maneira mais profunda sobre formas de educação comunitária. Não dá para falarmos apenas de uma educação a distância para um aluno, especificamente, temos que pensar na relação desse aluno com a família, com a comunidade, esse contexto em que ele está inserido. Não é uma coisa simplesmente da relação entre um(a) professor(a) e um(a) aluna(o), no ensino remoto. É urgente que os governos resolvam a questão do acesso ao universo online, tanto para estudantes quanto para as suas comunidades.

Apesar de todos esses temas que envolvem as mais diversas áreas da ciência, parece que as atenções estão voltadas a essa esperança de se construir uma vacina, um tratamento. Contudo, todas essas outras temáticas são suscitadas quando pensamos em nossas relações com o vírus. Porque será que o foco é a busca de um medicamento, a luta por uma vacina? Porque isso vai evidenciar uma determinada indústria que é muito poderosa, a indústria farmacêutica, que é uma indústria bélica. Uma indústria que, aparentemente, trará a nossa salvação. Claro que se realmente fosse nos salvar, já teria acabado com outras epidemias, como a da AIDS ou a da dengue.

A guerra é muito lucrativa, tanto que potências foram construídas a partir da guerra. Temos que entender que a guerra não acontece apenas entre humanos, ela também se estabelece entre a nossa espécie e as demais, infelizmente. Ela é declarada principalmente por nós.

Nessa proposta de tomarmos consciência sobre a alteridade com as demais espécies, sugiro a proposta de Ingold (2010), sobre a “Educação da Atenção”. Somente teremos acesso a determinados conhecimentos, quando pararmos para pensar na relação indissociável entre eu/nós/ambiente. Em determinado local, numa determinada situação ou demanda, quando reflito e percebo quem sou, respeito e percebo quem está ao meu redor, quando reflito determinada demanda, na relação com esse ambiente, é que eu terei acesso a um conhecimento que emerge na relação.

Para Ingold (2010) o processo educacional se dá com o olhar para dentro. A importância do autoconhecimento é muito forte nessa prática. Esses dias eu fiz uma dinâmica com os alunos do mestrado em Ensino de Ciências e Matemática da UFS. Fomos para o pátio da Universidade, em um bosque. Pedi aos alunos que ficassem em volta de uma árvore. Aí tem muita gente começa a rir. “-Ah... essas besteiras de abraçar a árvore”. Isso vem da hierarquização entre razão e afeto. Se você pergunta: “o que você entende sobre uma árvore?”. A pessoa acha o máximo. Mas, se você pergunta: “-você é capaz de amar uma árvore?”. A pessoa te acha louca.

Mesmo assim, eu comecei a perguntar para eles... Tinha alunos da química, física, matemática e biologia. “-O que vocês sabem sobre uma árvore?”. Todo mundo falou um pouquinho sobre o que sabia. Tudo muito interdisciplinar. Depois eu perguntei: “-vocês são capazes de amar essa árvore?”. E alguns ficaram com cara de: “-Quê? Você tá doida?”.

Então eu pedi que eles fizessem alguns exercícios como colocar as mãos no caule, fechar os olhos e respirar junto com essa árvore. “-Comece a sentir a história dessa árvore. Quando ela nasceu, o que ela viu? O que estava ao redor dela, durante todos esses anos em

que ela está aqui?”. Pedi que eles sentissem o cheiro que ficou em suas mãos. O cheiro da casca da árvore, nas mãos. Também, que eles trouxessem para fora o que estava emergindo dentro deles.

Não se trata de um ensino de ciências que vem de fora para dentro. É aprender a olhar para o conhecimento que emerge de meu interior quando estou em contato com a natureza. Muitos falaram assim: “-ah vem lembranças da minha avó, da minha ancestralidade, do tempo que eu subia em árvore, da minha infância”. Então, você vê que tem um processo de cura, de reconexão, tanto que uma das alunas, ao final, falou assim: “Nossa! Eu estava com uma cólica menstrual horrível e passou”.

Os depoimentos que vieram, no final das contas, mostram que é possível olharmos para as estrelas e sentir um prazer enorme, de identificar que o ferro que circula em nosso sangue veio delas. Ou, que às vezes quando estamos de frente a um cálculo difícil, sentindo um pouco de desespero, podemos tomar consciência do que emerge em nós e aprendermos a lidar com isso.

Professoras e professores de ciências não se mostram muito preocupados com o que emerge, afetivamente, de uma relação do aluno com o conhecimento. E, às vezes, o que nos sabota, no aprendizado do cálculo, é muito mais o desespero de acharmos que não conseguimos aprender aquilo. A distância que nos vemos daquela resposta parece falar mais alto do que, necessariamente, a complexidade do exercício. Então, perguntarmos para estudantes: “-Como você está se sentindo?” Em vez de só perguntar se ele entendeu, pode ser algo muito positivo (PAGAN, 2017).

Da mesma forma, nesse momento de pandemia, nos perguntarmos como é que nós estamos nos sentindo, pode ser algo positivo. Muito fácil, para nós que somos da academia dizer: “-Entendo tudo sobre o vírus. Tenho tomado todas as medidas necessárias para evitá-lo”. Discutindo de uma maneira muito clara e objetiva sobre ele. Difícil é assumirmos: “Estou com medo. Tenho dificuldades. Preciso de ajuda”.

“Como que você tem se sentido?”, é algo que devemos nos perguntar neste momento, a todo momento. Que as possíveis respostas possam nos ajudar a continuar, um dia de cada vez, em paz, e olhando para dentro, no contato com os nossos sentimentos buscando negociarmos as nossas opções nesse complexo eu/nós/pandemia.

Portanto, em nossa relação com a família, com o Estado, com a natureza que se coloca neste momento de uma maneira bem catalisadora de nosso amadurecimento humano, precisamos estar conscientes de que teremos um mundo muito diferente daquele que tínhamos quando começarmos a vislumbrar os primeiros dados dessa pandemia. Será que esse novo mundo terá novos humanos?

Referências

ALVES, M. M. S.; PAGAN, A. A. Correlação entre equilíbrio emocional e vulnerabilidade às IST / AIDS num estudo sobre desempenho escolar com adolescentes. **R. Educ. Públ.**, Cuiabá, v. 28, n. 69, p. 793–819, set./dez. 2019. Disponível em:
<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/7896> . Acesso

em agosto de 2020.

ALVES, M. M. S.; PAGAN, A. A. Aproximação das questões sociocientíficas em um instrumento de avaliação escolar em ciências: uma estratégia para identificar vulnerabilidade dos adolescentes às ist/aids. #Tear **Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, 9(1), 1-22. 2020

<https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>.

CHASSOT, A. **A ciência é masculina?** É, sim senhora! 6^a ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013, 136p.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Trad. de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, 33(01), 06-25, 2010. Acesso em: 06/05/2021

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/6777/4943> .

INGOLD, T. Humanidade e animalidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, junho, 1-15, 1995.

http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_28/rbcs28_05 .

KEEL, M. A contribuição do ecofeminismo para a ética animal. Cap. 1. In: **Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais**. Daniela Rosendo; Fabio A. G. Oliveira; Patrícia Carvalho; Tânia A. Kuhnen (Orgs.). Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2019.

MOSCOVICI, S. **Homens Domésticos e Homens Selvagens**. Trad. Elisabeth Neves Cabral. Amadora: Livraria Bertrand, 1976. 282 p. (Tempo Aberto).

PAGAN, A. A. Entre o bélico e o diplomático: transicionar a ciência como possibilidade de humanizar a educação ambiental. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, 7 (Número Especial), 1-19, 2019.

PAGAN, A. A. O ser humano do Ensino de Biologia: uma abordagem fundamentada no autoconhecimento. **Revista Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade**, 7(esp), 73-86, 2018.

<https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/26530/17169>.

PAGAN, A. A. Biologia para o Autoconhecimento: Algumas Considerações Autobiográficas. In: **XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Florianópolis/SC, 2017.

PAGAN, A. A. (2009). Ser (animal) humano: evolucionismo e criacionismo nas concepções de alguns graduandos em Ciências Biológicas. [Universidade de São Paulo]. In **Tese (Doutorado em Educação)**: Vol. unico. <https://doi.org/10.11606/T.48.2009.tde-04052009-001634>.

PULEO, A. A. Ecofeminismo: uma alternativa a la globalización androantropocéntrica. Cap. 2. In: **Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais**. Daniela Rosendo; Fabio A. G. Oliveira; Patrícia Carvalho; Tânia A. Kuhnen (Orgs.). Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2019.



Recebido em: 09/09/2022

Aprovado em: 12/11/2022

Publicado em: 07/12/2022